

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Journal de Brasília*Class.: *Semana do Índio*Data: *13 de abril de 1982*Pg.: *52*

Semana do Índio

A verdadeira imagem de um povo

Exposição tem
réplica de maloca

Com os troncos finos do Aritu e a palha seca de Obin, os índios Wayana-Apalai (Tumucumaque), Nação localizada no norte do Pará e do Amapá, constroem malocas que chamam de Polotopo onde realizam festas comemorando datas e acontecimentos significativos para eles.

Uma réplica, em tamanho reduzido, está sendo montada por representantes da tribo (atualmente com 200 índios), no Centro de Convenções, e que faz parte da III Moitara — Exposição e Feira de Artesanato Indígena, organizada pela Funai, para comemorar a Semana do Índio, a ser inaugurada hoje.

Cinco figuras franzinas, tímidas, praticamente em silêncio, trabalham como artesãos na montagem do que é mais uma obra de arte do que propriamente uma maloca comum, como encaram, mostrando assim, um total desconhecimento do valor de seu trabalho.

Manoel Apalai, 44 anos espécie de chefe do grupo, trouxe consigo dois filhos, um sobrinho e o primo Anacari para ajudar na construção. Apesar de estarem gostando de Brasília, preferem voltar logo para a aldeia onde ficam a vontade, sem a curiosidade dos brancos e sem precisarem ficar repetindo as mesmas informações para os repórteres que perguntam sem parar.

Sarina, 19 anos, um dos filhos de Manoel, acredita que é bom vir para Brasília e levantar a maloca. Perguntado sobre a atuação da Funai em sua região, mostrou pouco interesse em prolongar a resposta limitando-se a dizer "é boa", tratando logo de continuar a juntar as folhas de Obin e prosseguir sua tarefa.

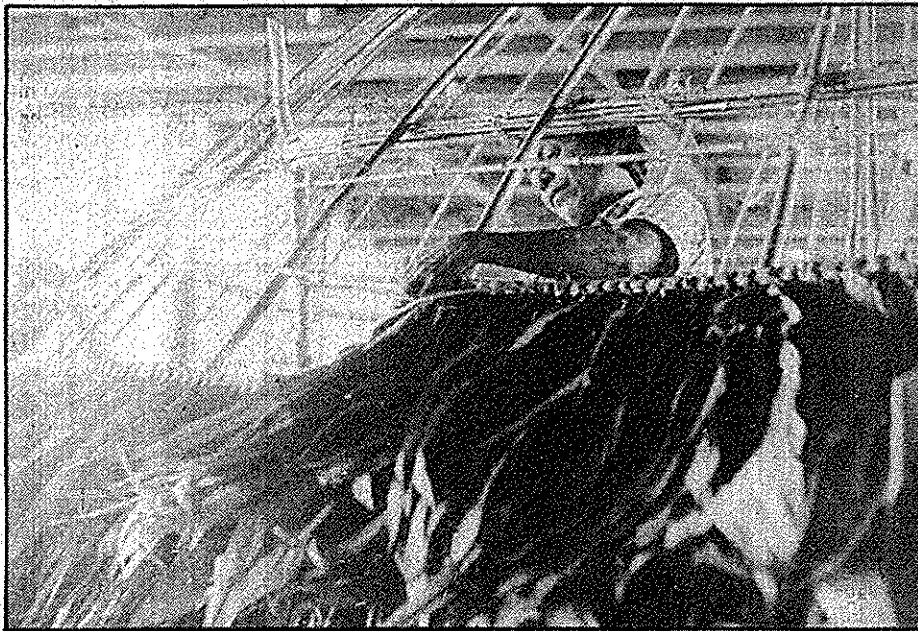
Anacari explica que "a tribo Wayana-Apalai já foi maior, mas que muitos, não sei por que, preferem morar no estrangeiro (Suriname) que é além de nós, tem os Triós, mais ou menos mil índios, e os Wayana, cerca de 600".

Hospedados num alojamento montado especialmente para acomodá-los, às margens do Lago Paranoá, Manoel e seus companheiros não querem externar ou não sabem mesmo o que representa virem para cá, a capital do país, levantar dentro de um local fechado uma casa sem maiores requintes de conforto. Diante das perguntas, mostram um olhar intrigado com a importância dada a uma "simples" maloca.

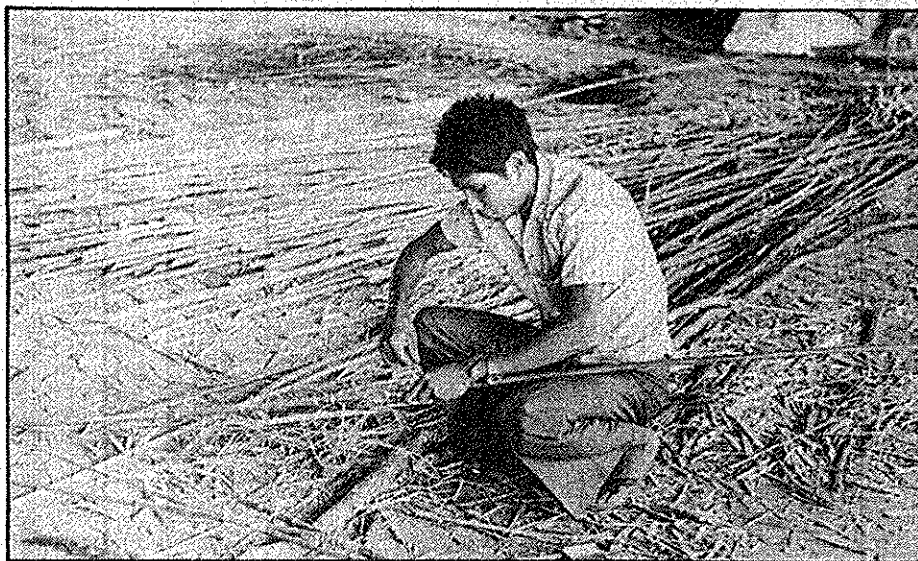
Cestos, redes, bolsas, cuias, maracas, cocares, enfeites (a preços acessíveis), completam a exposição que toma todo o espaço do Centro de Convenções determinado para a mostra. Além de trabalhos do Wayana-Apalai, os Gaiapós também contribuem com muitas peças mostrando uma arte detalhista e utilitária. O dinheiro arrecadado das vendas será encaminhado para cada tribo.

XINGU

O Parque do Xingu recebe hoje o ministro Mário Andreazza, acompanhado do presidente da Funai, Paulo Moreira Leal. Os dois participam da abertura oficial da Semana que terá a exibição de luta huká-huka além de cantos e música de flauta. A comitiva do ministro desce na pista de pouso Leonardo Villas Boas, a 1.500 metros da aldeia walapiti.



As malocas são construídas com palhas secas de Obin e troncos de Aritu



Não há tribos na geoeconômica

Nenhuma tribo indígena existe mais na região geoeconômica de Brasília, cuja construção não pode ser responsabilizada pelo desaparecimento daqueles que aqui moravam séculos atrás. Segundo o professor Roque de Barros Laraia, as tribos originárias da região já haviam sido afugentadas na época dos bandeirantes, quando estes para cá vieram em busca do ouro.

As tribos mais próximas do Distrito Federal encontram-se na Ilha do Bananal (Karajá e Javaé) e constituem uma população estimada em 300 pessoas. Próximo à Ilha do Bananal, em

local não determinado, vivem os Avá-Canoeiros, grupo ainda arredio e que não ao contato com o branco e que não ultrapassaria o número de 40 pessoas. Na região do Rio Formoso, também no estado de Goiás, vivem os Apinayé, Krahô e Xerente. Ao norte de Minas Gerais, na região de Januária, vive a tribo dos Xabriabá, com uma população estimada em 200 pessoas. Todas estas tribos, à exceção dos Avá-Canoeiros, segundo o professor Roque de Barros, já ultrapassaram a fase aguda de contato com o branco, tendo portanto já assimilado vários costumes da nossa cultura.

Educação como forma de defesa

A Casa do Ceará, mantém convênio há dez anos com a FUNAI para receber temporariamente, ou por períodos mais longos, índios em trânsito e estudantes. Segundo o chefe do escritório do órgão no local, existem atualmente 12 índios estudando em Brasília, sendo que apenas um deles faz o curso superior. Os demais vêm a Brasília por motivos variados, que podem ser desde a vontade de ver o presidente da República, vender seu artesanato, ou tratar de problemas de saúde.

Para estudantes que lá moram o índio Jeremias, da tribo Xavante (Mato Grosso), vir para a cidade e estudar "é uma forma do índio aprender coisas boas do branco para ensinar às novas gerações indígenas como se defender". Jeremias, que cursa a sexta série do primeiro grau na Escola Classe 711, en-

tende "que o índio não vai poder continuar vivendo conforme seus costumes por muito tempo, porque nós estamos cada vez mais apertados pelos brancos, então a gente estuda para saber defender a nossa nação".

A FUNAI — acha — está agora "dando bastante apoio ao índio, mas antes era bem diferente. Até agora a gente depende dela, mas vai chegar um dia que não vamos mais precisar disto".

A Semana do Índio, no seu entendimento, é uma boa oportunidade "para mostrar ao branco que índio sabe fazer alguma coisa".

Entre seus colegas de turma, o xavante Jeremias diz notar uma certa reserva, uma certa distância de relacionamento. "Com índio igual a mim o entendimento é melhor, porque a gente se compreende".

As comemorações da Semana do Índio cumprem um papel importante no sentido de conscientizar a população sobre os problemas enfrentados pelos indígenas. Esta é a opinião do professor de Antropologia da UnB, Roque de Barros Laraia, que lamenta, no entanto, ser o índio mostrado nas escolas primárias "como um ser que só existiu no passado, ou então um estereótipo negativo da realidade".

Para ele, isto ainda é resquício do desinteresse da população pela causa indígena, que só começou a ser vista de maneira diferente a partir de 1978. "Até então — lembra — o brasileiro chegava a manifestar mais preocupação pela derrubada de uma árvore frondosa em determinada cidade do que pelos problemas enfrentados pelos índios".

Foi a partir de 1978, no entanto, que a reação de antropólogos e entidades ao projeto de emancipação dos grupos indígenas provocou uma conscientização e mobilização significativa por parte da população. "Isto pode ser notado até nas seções de cartas de jornais" — exemplifica Roque de Barros afirmando que até 1978 eram raríssimas manifestações populares deste ou de qualquer outro tipo.

ESTUDANTES

Embora a cada dia seja maior a procura pelos cursos de Antropologia, há no momento uma evidente evasão de estudantes interessados em realizar pesquisas na área indígena. Para o professor Roque de Barros, isto pode ser atribuído à dificuldade em se conseguir autorização da FUNAI para chegar até as reservas indígenas, situação, no entanto, que ele tem esperança se modifique "em função de um maior diálogo que estamos conseguindo manter agora com o órgão".

Para ele, o trabalho do antropólogo que pesquisa a cultura indígena muitas vezes não se restringe ao trabalho puramente acadêmico "porque o cientista se sente na obrigação de tomar partido ao lado de seus informantes, desde que estes são o lado mais fraco. Daí, inclusive, resulta uma incompreensão para sua atividade".

Os problemas mais sérios atualmente enfrentados pelos índios, segundo frisa o professor, relacionam-se à posse da terra. "Há uma necessidade urgente de se efetivar as demarcações de terra necessárias para assegurar ao índio a possibilidade de sobrevivência, mas nem sempre estas demarcações são facilmente realizadas porque entram em conflito com fortes interesses regionais". Roque de Barros, no entanto, vê duas grandes vitórias alcançadas na presente gestão da FUNAI: a demarcação das terras dos índios Tapirapé (Mato Grosso) e a interdição da área e retirada de centenas de garimpeiros no território ocupado pelos Yanomani (Roraima).

A ameaça a várias tribos indígenas, segundo ele, permanece no entanto em função da implantação de grandes projetos como a barragem de Tucuruí e Projeto Carajás. "Resolver o problema de educação e saúde do índio de nada vale se não for resolvido o problema da terra".